

A VESTIMENTA COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE CULTURAL AFRO-BRASILEIRA.

Kédma Cristina Costa Lima³

Silvia Avelina Ribeiro da Silva⁴

Valdete Alves Cezar⁵

RESUMO

O presente artigo analisa a construção da identidade afro-brasileira através de elementos visíveis, em especial a vestimenta, uma vez que a identidade afro-brasileira também está associada aos objetos, conceitos, linguagens e imagens que podem estar atribuídos a uma peça do vestuário, podendo influenciar comportamento e conduta de quem veste. Buscou-se através de pesquisa bibliográfica, através de autores como Nei Lopes, Paul Gilroy, Malcolm Bernard, Giddens, Raul Lody, dentre outros, subsídios para interpretar a temática, já que destacam que os elementos valorizados nas indumentárias e nos acessórios são capazes de desempenhar um papel importante na construção da identidade.

Palavras-chave: Vestimenta. Identidade. Afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos algumas temáticas e sujeitos sociais foram silenciados e deixados às margens das pesquisas, levando-os a uma posição secundária, tratados sem o devido reconhecimento do seu papel enquanto protagonistas das sociedades, participantes e integrantes delas. Um exemplo conciso a respeito deste assunto é a relação de importância que a indumentária assumiu ao longo do desenvolvimento humano. Por muito tempo esse foi um assunto pouco estudado no Brasil, existindo pesquisas bastante pontuais e que não dão conta de investigar toda a riqueza ofertada por essa temática.

No dito “Novo Mundo”, os negros criaram de forma ativa uma cultura e uma “África” própria. Com o advento da modernidade no ocidente, que caracterizava-se pela autonomia do homem frente a razão e as questões sociais e naturais, as culturas nacionais apareceram como um dos principais alicerces da constituição da identidade cultural. Como escreve o teórico pós-colonial, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2006, 48-49, grifo do autor).

Suas novas culturas tinham de significar algo e ser inteligíveis para os próprios negros que no início provinham geralmente de origens diversas bem como, embora de

³ Professora da rede Municipal de Ensino de Barreiras. E-mail: ckdmacriatina@yahoo.com

⁴ Professora da rede Municipal de Ensino de Barreiras. E-mail: silviaribeiro2010@hotmail.com

⁵ Professora da rede Municipal de Ensino de Barreiras. E-mail: valdetecezarbio@hotmail.com

outra forma, para os brancos. Por definição, a criação de novas culturas centradas na experiência de um africano no mundo novo, em vez de relacionar-se à nação, era um fenômeno transnacional.

A indumentária representa muito mais do que um instrumento para a diferenciação dos indivíduos no plano sócio-econômico. Em um plano em que a individualidade reina sobre as intenções coletivas, as roupas são acessórios que auxiliam a construção de personalidades e na afirmação de desejos e anseios pessoais, uma construção e expressão cultural. O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da vestimenta na construção de uma identidade para o afro-brasileiro.

Por identidade, palavra oriunda do latim *identitate*, é um substantivo feminino que tem acepções que vão desde o registro geral até questões filosóficas importantes que caracterizam a existência humana. Segundo o Dicionário Aurélio (2011,p.489), identidade é a qualidade de idêntico, paridade absoluta. Podemos entender que seja o aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais, algo ou alguém, é definitivamente reconhecível, conhecido; é um conjunto de elementos que permitem saber quem uma pessoa é.

Diante disso, é importante salientar que as identidades não obedecem a um modelo fixo. Para uma análise acerca da construção de “identidades sociais”, é muito mais proveitoso buscar entendê-las a partir das relações que os membros de certos grupos articulam com outros considerados como diferentes. De fato, é no interior dessas relações que as identidades se modificam. Vale enfatizar ainda que a identidade apresenta-se também como um elemento político e organizativo, podendo ser estrategicamente negada ou afirmada de acordo com a conjuntura social e política, na qual está inserido num dado momento histórico (BARTH, 2000). Segundo o referido autor, identidade não é estática, se transforma a partir das relações dependendo do interesses e contextos, sendo que a interação entre os sujeitos e grupos permitem transformações contínuas que modelam as identidades, em processo de exclusão ou inclusão determinando quem está inserido ou não. Assim, pensar a construção da identidade afro-brasileira a partir da vestimenta é pensar uma identidade vivida nas diferenças.

A identidade é uma condição relacional e situacional explicada a partir da abordagem que, sendo os afro-brasileiros categorias de atribuições e identificação construídas pelos próprios atores, tem-se os sinais e signos manifestos, como a língua, a moradia, o vestuário, etc.

VESTIMENTA X IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

Como destacamos, a identidade é sempre definida em termos relacionais. Dessa forma, as categorias sociais de auto-identificação são produzidas no âmbito das relações sociais e das disputas de poder (ELIAS; SCOTSON, 2000). Isso implica que a identidade resulta da manipulação de imagens positivas ou negativas de grupos. Com efeito, os processos identitários se baseiam no fato de que somos sempre o outro de alguém; o outro de um outro (PLATÃO, 1972). Assim, a identidade individual ou coletiva se forma a partir de um olhar sobre o outro, ou a partir do olhar que o outro possui sobre nós, no entanto essas práticas não são fixas, podem mudar e ressignificar-se conforme os contextos. Os indivíduos definem seus comportamentos a fim de ser coerente com sua identidade, evitando situações que impliquem sanções sociais negativas, dependendo da situação. Isso coloca em foco questões relativas a conflitos e alianças, dando a identidade uma roupagem, de certa forma, contingente. Desse modo, as identidades não devem ser pensadas como categorias imutáveis no tempo e no espaço. Elas se elaboram através de complexas interações dos indivíduos com seu grupo e com o grupo de fora, configurando um espaço de encontro de subjetividades (DU BOIS, 1999).

A identidade remete a pensar sempre num caminho inacabado e renovável. Caminho esse que se constrói mediante um trabalho de elaboração de um passado mais ou menos comum e de uma memória coletiva que se diz compartilhado pelo grupo (ELIAS; SCOTSON, 2000). Como sugere Max Weber, é preciso que exista uma crença subjetiva numa origem comum para se criar laços de solidariedade e de comunhão no grupo (WEBER, 2000). Isso não exclui a presença do conflito e da heterogeneidade no interior da formação identitária. Mas, tal crença subjetiva é necessária e apresenta-se com um fio condutor da identidade social. Vale salientar que os discursos sobre a origem comum do grupo são usados como legitimadores da identidade grupal, perfazendo uma retórica estratégica no sentido de dar maior destaque ao processo identitário (CAPONE, 2005).

De certa forma, os processos de elaboração de identidades sociais são marcados também por “enquadramento de memórias” (POLLAK, 1989). “Enquadramento de memória” é definido como o “trabalho de reinterpretação incessante do passado em função dos combates do presente e do futuro” (POLLAK, 1989, p. 10). Porém, não diz

respeito nesse contexto apenas enquadrar, mas sim normatizar, selecionar, estabilizar, estereotipar a memória.

Pode-se entender que a formação de identidades sociais é permeada pelo trabalho de construção da sua história, utilizando os elementos considerados mais relevantes da memória coletiva do grupo. Por ser a identidade um fenômeno sociocultural, ela é moldada de momento a momento, durante a interação e que ela emerge no discurso através de papéis e orientações temporários que são assumidos pelos participantes. Uma das formas para analisar o modo como construímos a identidade é através da análise da construção do *self*, ou seja, a construção da própria individualidade, de modo que, quando analisamos as identidades, nos deparamos antes com inovações, invenções e criações não só do outro, como do próprio eu, e também uma grande abertura para as demandas do mundo presente.

A identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do “outro” para ele. Por compreendemos que o processo identitário é tanto individual quanto coletivo e sempre engendra instâncias conflituosas, como persistência, autoridade, dentre outros. A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também é direcionada a maneira como ele vai se socializar. Logo, a identidade do afro-brasileiro está intrinsecamente ligada à sua relação com a sua maneira de vestir, no qual foram inscritos, ao longo da história, valores e crenças negativas que em algum momento tiveram a conotação depreciativa. Desta maneira a vestimenta se destaca como veículo de identidade, religiosidade, expressão artística, cultural e também manifesta opressão. Constrói no indivíduo diversos sentimentos contraditórios como rejeição, negação, sofrimento, dor, aceitação, resistência, mas também felicidade.

Pelo próprio processo histórico de colonização e escravização, há uma dificuldade na definição e no desenho da identidade negra ainda nos dias atuais. Ao tempo da escravidão, a produção da identidade negra nas Américas deu-se por meio de processos paralelos, dentre outros, pela via da Desafrikanização e pela Racialização. Os africanos aqui escravizados foram coagidos a esquecer suas origens, para assumirem a sua condição subalterna de “negros”, porém, essas tentativas não foram tão bem sucedidas, haja vista as performances de resistências onde a própria expressão estética de vestimentas singulares demonstram isso.

Desafrikanização é nas palavras de LOPES (2004, p. 22) “O processo através do qual se tiram ou se procura tirar de um tema ou de um indivíduo os conteúdos que o

identificam como de origem africana. Processo psicológico e cultural de desconstrução da identidade dos africanos e seus descendentes em diáspora”. Assim a identidade pode ser compreendida como um conjunto de valores e crenças compartilhados por um grupo de indivíduos, peculiaridades que aproximam uma comunidade ao mesmo tempo em que as diferenciam de outra.

PAUL GILROY (2001) definiu a identidade negra como sendo resultado de um conjunto de vivências semelhantes (não necessariamente idênticas), construídas a partir de uma história comum, oriunda da África e das influências recebidas de uma cultura dominante, que seria a do branco europeu. Esse jogo de interesses culturais teria sido fundamental para a criação de uma nova experiência, onde novas concepções podem ser observadas.

A resistência em aceitar passivamente aquilo que lhe é obrigatório, pode ser observada em diversos universos sociais, inclusive na maneira de vestir. CORREA (1989) destaca que a vestimenta é um dos espaços sociais em que os indivíduos conseguem exercer sua liberdade e sua maneira crítica de enxergar o mundo. Para o sociólogo, a vestimenta é resultado do desejo de afirmação de uma personalidade que cada ser possui. Desta maneira, a vestimenta pode ser expressão e um suporte para a criação e manutenção da identidade social do indivíduo.

É preciso, neste caso, compreender a identidade dentro de suas implicações políticas que autorizam a produção de um discurso que circula nos espaços institucionais e informais relativos ao que nós somos e deixamos de ser. Falar da identidade afro-brasileira é falar da sua capacidade de construção de pertencimento a sua história e ao mesmo tempo sua negação através do discurso. Este contraponto não está em um passado imemorial, mas produziu-se neste processo histórico de normatização da identidade no país. Afinal, um dos efeitos fundamentais das políticas identitárias produzidas pela cultura afro-brasileira, foi justamente a definição deste outro da diferença que passa a viver como um deslocado ou se reafirma dentro de outras fronteiras identitárias que também passaram a ser construídas num período histórico.

Este é o ponto fundamental que exige problematização. Afinal, não nos basta promover e estimular “bons sentimentos” com a diversidade cultural, pois o que está em jogo aqui não é nem mesmo o respeito e a tolerância com o diferente. Não nos basta promover o exotismo e a curiosidade sobre a diferença que implicam ainda mais os elementos de distanciamento e dominação. Pensar a forma de se vestir afro-brasileira

construído ao longo da história da sociedade brasileira é refletir sobre uma vestimenta que durante três séculos da história do Brasil foi resumido ao *status* de inferioridade.

A partir do XVI as características biológicas e fenotípicas dos negros e negras e suas vestimentas foram associadas a seres primitivos e monstruosos, que habitam a África, uma terra repleta de magia e fetiche. Neste momento inicia-se a construção da representação do povo negro africano relacionada à demônios bíblicos. Porém, foi no século XIX, à luz de teorias como o positivismo, darwinismo e o evolucionismo, que essas características começaram a determinar o caráter à personalidade do indivíduo negro e descendentes.

O apogeu das teorias raciais ao longo do século XIX é marcado por pensamentos de intelectuais como o filósofo francês Gobineau (1816 – 1882), o médico e cientista italiano Lombroso (1835 – 1909), entre outros, que em síntese marcam a ideia de “raças” biologicamente determinadas e hierarquicamente posicionadas na escala evolutiva da humanidade. Entre os maiores defensores e seguidores nos trópicos das teorias raciais desenvolvidas na Europa, encontramos o médico legista Nina Rodrigues (1862-1906).

A partir desta doutrina, ao branco caberia o papel de superioridade, o topo do desenvolvimento humano. Para além da condição de mercadoria a teoria racista assimila o negro e seus descendentes com a ideia de “feiura e sujeira”. Portanto, o racismo existente na sociedade brasileira, que desvaloriza e inferioriza a forma de vestir do afro-brasileiro diante da vestimenta compreendida como branca, marca intimamente a trajetória de vida do negro e seus descendentes e principalmente a construção de sua identidade ético-racial. Em um plano em que a individualidade reina sobre as intenções coletivas, as vestimentas auxiliam a construção da personalidade e na afirmação de desejos e anseios pessoais.

A vestimenta é um veículo em que os indivíduos conseguem exercer sua liberdade e sua maneira crítica de enxergar o mundo. Para o sociólogo Gilles Lipovetsky (1989), a vestimenta é o resultado do desejo de afirmação de uma personalidade que cada ser possui. Isso não quer dizer que é livre, desejos são estimulados, construídos, é necessário relativizar um pouco mais. Mesmo usando roupas tipicamente de brancos, não significa que alguém não se reconheça como negro ou negra, assim vestimenta pode ser compreendida como um suporte para a criação da identidade do indivíduo.

As vestimentas afro-brasileiras possuem significados próprios, um estilo em que seus membros se sentem reconhecidos, representados. Nesse sentido a representação através do vestuário torna-se um dos aspectos essenciais no processo de individualização e afirmação social. As roupas são pensadas para serem utilizadas em espaços públicos, as pessoas se vestem para serem vistas pelos outros e não para si mesmo apenas. Ao escolher suas vestimentas dentro dos sentidos de ser afro-brasileiros, estes pretendem serem notados, afirmando sua existência e marcando sua posição ideológica, servindo também como forma de expressão e posicionamento social. Parte das vestimentas afro-brasileiras têm como expressão as religiões brasileiras de matriz africana, uma vez que fazem uso da simbologia africana em suas vestimentas através da utilização de estampas, amarrações e modelagens amplas. Nesse sentido que as religiões de matrizes africanas são essenciais no processo de ambientação dos povos negros em Diáspora. Aliás, aqui no Brasil, o Candomblé foi e é um grande alicerce, não só da resistência dos escravizados como da construção da cultura e religiosidade brasileiras.

Malcolm Barnard (2003, p. 39) cita que os elementos usados na moda são imprescindíveis para que o grupo de indivíduos possa se reconhecer e se diferenciar do resto da sociedade, afirmando que os materiais escolhidos para compor a vestimenta são muito importantes, pois os mesmos são “condição de identificação e de acolhimento de pares num mundo despersonalizado”.

As manifestações estéticas da moda afro-brasileira são materializadas através de elementos associados à vida dos negros e negras podendo estar ligados aos antepassados e as cerimônias religiosas ou a outros costumes que envolvem o uso de turbantes ou panos da costa, até mesmo oriundos de situações de pobreza que se manifestam nos usos de elementos no vestuário. Porém a moda afro-brasileira não faz referência apenas à África, ela utiliza também aspectos da cultura brasileira, desse modo, se apropria de subsídios de diferentes culturas existentes no Brasil como as indígenas, portuguesa, inglesa e cria através de arranjos próprios suas identidades.

Na África a indumentária é de acordo com o povo, sua localidade, suas peculiaridades, seus costumes, sua forma de organização dentro da comunidade. O uso de cores vivas nos trajes africanos, tanto na vestimenta, quanta nas artes vêm inspiradas na natureza, na forma de vida e tradições existentes na África. Vemos isso no uso de adornos, como utilizam em sua composição, por exemplo, conchas, plumas, fibras de animais e vegetais.

Indumentárias no continente africano vão além da beleza. Os padrões impressos nos tecidos correspondem a nomes, provérbios ou ideias dependendo da aldeia, tem toda uma simbologia por trás do tecido, que relaciona com a beleza, a religiosidade e a identidade do povo, com a ancestralidade. Por vezes as roupas não tem a função apenas de cobrir o corpo, representam expressões estéticas, não só para aparecer ao outro, mas para os deuses. Ao vestir um determinado pano, passa uma mensagem.

A vestimenta de alguns grupos de mulheres africanas baseia-se, em grande parte, em panos ou cangas que enrolam no corpo como vestidos, cangas, capulanas, etc. São tecidos cuja padronagem e acabamentos são reconhecidos mundialmente, os africanos e africanas “falam” através de seus panos.

No Brasil, a vestimenta afro-brasileira emerge da união de culturas que aqui chegaram, como os bantos e os nagôs, à época da escravização do povo negro africano, associadas a outras nativas e estrangeiras. Dentre estes dois povos haviam mulheres e homens de diversos países da África, como Angola, Congo, Moçambique, Nigéria, Benin e Costa do Marfim.

Para JULIA VIDAL (2014) a temática e simbologia dos tecidos africanos no Brasil é resultado de uma herança que remonta à época colonial, a influência da cultura africana está presente nas cores e nos desenhos estampados no vestuário dos brasileiros, se dá devido à relação histórica, social e cultural do continente africano com o Brasil. A origem étnica das roupas dos africanos trazidos para o Brasil a exemplo o estado da Bahia, a maior força da cultura iorubá – a ressignificação de variadas práticas religiosas, políticas e sociais, advindas do antigo império iorubá do continente africano, que a partir do contexto da escravidão, deu origem a grande parte da diversidade religiosa brasileira, nas chamadas religiões de matriz africana no Brasil - se tornou a grande referência no vestuário, mas as nossas roupas são muito diferentes das africanas da mesma etnia.

Cores das indumentárias iorubás são baseadas em elementos da natureza, a exemplo de plantas, terra e flores. Cada cor representa e tem um significado. As indumentárias representam uma simbologia e significado da aldeia, portanto os símbolos não seguem apenas um padrão de beleza. Além das estampas utilizadas nos tecidos, nas roupas, podemos acrescentar que a utilização de algumas referências como símbolo religiosos, instrumentos, flores, etc., são recorrentes como também os elementos geométricos, uso de peles, pedras, fibras, aplicações, máscaras, estampados,

símbolos do candomblé, fitas de poliamida, macramê, moulagem, entre outros elementos que são símbolos da moda afro-brasileira.

Outra análise que pode ser realizada ao observarmos algumas peças de roupa afro-brasileira é a necessidade de afirmação evidenciada através de frases, rostos negros, cabelos *black power* em estampas nas roupas, no sentido de demonstrar o orgulho de ser negro. Nesse contexto podemos compreender esse processo como uma construção de identidade que pode ser “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (GIDDENS, 2002, p. 79).

A vestimenta afro-brasileira nasce da mistura da cultura brasileira com africana. Para alguns estudiosos, as raízes africanas associam-se às bases sagradas, conforme descrita por RAUL LODY (2001, p. 87):

No Brasil, o destaque é a civilização iorubá, da África Ocidental (Benin, Nigéria), fundada em sociedades religiosas e secretas: ogboni, elecó, egugun, gueledé, definindo princípios étnicos e morais mantidos na mitologia dos orixás e dos eguns ancestrais. Assim, elementos visuais, sonoros e mesmo comidas encontram soluções estéticas e funcionalidades no que é sagrado, definindo pactos entre o homem e seu deus. São os princípios da vida e da morte.

Os conceitos estéticos com base nos orixás são bastante utilizados para compor as vestimentas da moda afro-brasileira, demonstrando a importância do sagrado e ao mesmo tempo a necessidade da reinvenção no processo de criação. RAUL LODY (2004) afirma que a vestimenta afro-baiana se encontra bastante presente na estética afro-brasileira, pois é mantida como uma reinvenção das roupas africanas.

Em seu livro, publicado juntamente com o sociólogo Gustavo Falcón, “Imagens da Diáspora”, Goya Lopes demonstra todos esses elementos que podem ser utilizados na moda afro-brasileira. Assim, a estética negra é transmitida com base na tecelagem, na ancestralidade, na africanidade, na afro-brasilidade, respeitando cronologia dos negros no Brasil em atenção com a diáspora, a solidariedade e o cotidiano.

Goya Lopes afirma que sua origem foi fundamental para sua formação e a construção prática identitária na moda atualmente. Ela relata que durante as duas vezes que teve a possibilidade de morar fora do Brasil, e foram situações decisivas para sua qualificação tanto como pessoa quanto como artista.

Ao olhar para os estilistas como produtores de objetos de moda podemos afirmar que de certa forma a criação desses estilos é uma proposta de identidade que está sendo

apresentada aos consumidores. Esses estilistas se reconhecem em suas criações, eles se apropriam e ressignificam culturas, e ao criarem suas peças apresentam à sociedade uma proposta identitária, um estilo de vida em que acreditam. De fato o estilista está assim demonstrando sua posição dentro da sociedade brasileira, seu orgulho de ser negro e negra. Através das suas criações conseguem comunicar sua aceitação dentro desse universo permitindo que outras pessoas possam também aderir esse posicionamento.

O negro brasileiro se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma auto-imagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua autoimagem é um desafio. Construir uma auto-imagem, um “novo negro”, que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é. Esta última tem sido uma das estratégias de identidade construídas por uma parcela da população negra (GOMES, 2006, p. 162).

Nilma Gomes chama a atenção dessa construção da identidade negra no Brasil e a importância de criar uma imagem positiva do negro através da vestimenta, dos acessórios e penteados. A moda afro-brasileira tem avançado no mercado, uma vez que saiu de territórios demarcados para galgar uma universalidade, mas ainda encarada como super *fashion*, do *Cult*, e não vista ainda por uma parte da sociedade como o traje de uma identidade afirmada no cotidiano.

A influência da cultura afro-brasileira é estampada nas cores, formas e estilo da moda atual. Isso pode ser observado na utilização de tecidos coloridos, tecidos africanos, ou mesmo agregando nessa moda, artefatos regionais, como a renda e o bordado. Escrever ou falar de uma moda afro-brasileira é sintetizar parte de uma cultura muito rica e vasta. Construiu-se uma moda afro-brasileira, onde a cultura regional também nos influencia. Um grupo é identificado pelas suas vestimentas, seus costumes, sua cultura, criando assim um estilo próprio e identitário. A valorização desse estilo é resultado da política de afirmação dos afro-brasileiros. A moda é um símbolo importante para a identidade.

Os elementos da religiosidade afro-brasileira são exportados para as ruas, sem perder o seu valor sagrado, sendo preservados no seu espaço religioso. Isso é feito utilizando uma releitura dessas peças, como é caso por exemplo da utilização das batas. O nome é o mesmo, mas não é mesma bata que utilizam nos momentos ritualísticos. Tem semelhanças de formas e cores, podendo combinar essas batas não ritualísticas, com saias curtas ou mesmo com jeans do dia-dia.

Ao desapontar os padrões estabelecidos, estamos caminhando em busca de liberdade. Muitas das pautas dos movimentos negros são frustradas por essa deficiência nas relações identitárias, quando não nos identificamos no outro, não conseguimos perceber que estamos falando a mesma língua, que estamos sendo submetidos aos mesmos moldes de opressões e isso dificulta a união de forças em prol de uma série de políticas públicas para integração e equidade por exemplo. E se falamos de liberdades, sabemos que não existem liberdades doadas.

O estudo das identidades surgidas ao longo do desenvolvimento das sociedades capitalistas é um processo muito rico em significados. Se tradicionalmente as pessoas se aproximavam em defesa de uma língua, cultura ou território, com o passar dos tempos o que une os indivíduos já não é tão claro, necessitando de outros referenciais para que as escolhas sejam feitas. Ainda assim, as aproximações em defesa de etnias, identidades, e condições dignas na sociedade ainda existem e estão disponíveis para o aprofundamento de seu entendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há quem não veja com bons olhos o fato de movimentos culturais saírem de seu local de origem e expandirem para outros grupos e classes sociais. A vestimenta ainda funciona como um modelo de distinção, mas não somente socioeconômico, montamos personagens tal qual o ambiente a que estamos submersos. Somos um produto de nós mesmos e lidamos constantemente com diversas identidades para nos adaptarmos ao meio em que estamos envolvidos.

Por fim, percebemos como a vestimenta afro-brasileira se recria e se ressignifica, sendo ao mesmo tempo produto e futuro da identidade afro-brasileira, a vestimenta não marca a vida social do povo afro-brasileiro somente de maneira negativa, estigmatizada, que manifesta o sentimento de sofrimento e de dor, pois também marca a luta por reconhecimento, luta resistência e beleza, que traz alegria, satisfação e autoestima. A vestimenta afro-brasileira hoje se encontra como instrumento da construção e recriação não somente da cultura afro-brasileira, mas também da cultura nacional, não a que privilegiava um país miscigenado culturalmente e sufocava e inferiorizava as culturas negras, mas a que construiu um país multicultural, entendendo e respeitando a diversidade étnico-racial aqui existente.

REFERENCIAS

BARTH, F. Os Grupos étnicos e suas Fronteiras. In: _____. **O Gurú, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BARNARD, M. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Summus, 2003.

CAPONE, Stefania. **Le candomblé au Brésil, ou l’Afrique réinventée**. *Sciences Humaines*. Versão 1; Université de Paris X – Nanterre, 2005. Disponível em: <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00007679/es/>>. Acesso em: 10/10/2016.

CORREA, T. G. **Rock nos passos da moda: mídia, consumo x mercado**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

DU BOIS, W. E. B. Sobre Nossas Lutas Espirituais. In: _____. **As Almas da Gente Negra**. Tradução de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

ELIAS, N. & SCOTSON J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA, A. B. De H. **Aurélio Junior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: positivo, 2011.

LOPES, G. e FALCON, G. **Imagens da diáspora**. Editora: [Solisluna Design](#). 2010.

LOPES, N. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo, Selo Negro, 2004.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**: Modernidade e Dupla Consciência. Tradução de CisKnipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro- asiáticos, 2001.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro**. RJ: Graal, 1983.

PLATÃO. **O Sofista**. (Coleção Os Pensadores) – diálogos. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1989.

_____. **Memória e Identidade Social**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro; 1992.

WEBER, M. Relações comunitárias étnicas. In: _____. **Economia e Sociedade**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. v 1. Brasília: Editora da UNB, 2000.

VIDAL, J. **O africano que existe em nós**. Rio de Janeiro: Editora: Babilônia Cultura. 2014.